

## UM FUNIL MODERNO? O PROJETO SOCIAL DOS POSITIVISTAS GAÚCHOS

### A MODERN FUNNEL? THE SOCIAL PROJECT OF THE GAUCHO POSITIVISTS

Ricardo Cortez Lopes<sup>1</sup>

#### RESUMO

Ao analisar os escritos de divulgação de positivistas gaúchos do Templo Positivista de Porto Alegre entre o século XIX e XX, esse trabalho buscou compreender a noção positivista de modernidade, que envolve uma série de outros aspectos teóricos para além da teoria dos três estados, sem dúvida o aspecto mais famoso da teoria comteana. Assim, ao abordarmos características dessa doutrina, esperamos mostrar alguns pressupostos (evidências para nossos atores) que embasam esse projeto teleológico de modernidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Modernidade positivista; Esfera Pública; Metanarrativa;

#### ABSTRACT

Analyze the writings of gauchos positivist disclosure of Porto Alegre Positivist temple between the nineteenth and twentieth centuries, this study sought to understand the positivist notion of modernity, which involves a number of other theoretical aspects beyond the theory of the three states, arguably the most famous aspect of Comtean theory. Thus, in addressing characteristics of this doctrine, we hope to show some assumptions (evidence for our actors) that support this teleological project of modernity.

**KEY-WORDS:** Modernity positivist; Public Sphere; metanarrative;

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Contato: rshicardo@hotmail.com

*“Mas o positivismo tem contra si os interessados na persistência da desorganização atual, a testa dos quais está o jornalismo. Sem aceitar deveres de espécie alguma: sem fornecer provas morais nem mentais de capacidade; explorando a curiosidade e a credulidade muitas vezes pueril de um público que se consome em desejos não satisfeitos, instituirão-se os jornalistas em mentores da sociedade e juizes de governados e governos. Levantarão entre a vida privada e a vida pública uma muralha que são os primeiros a violar quando a mão dos potentados os não impede de farejar escandalos. Suprimirão a responsabilidade com anonimato: e, pelas colunas assalariadas, tornarão a liberdade um banditismo e a tolerância uma hipocrisia, para ressaltar os ganhos em escrúpulos”*

(A Harmonia mental, p. 49)

## 1 INTRODUÇÃO

É um erro bastante comum no meio acadêmico reduzir-se a noção de modernidade do positivismo à noção da Teoria dos Três Estados, que, apesar de ser compósita também por essa concepção, não é reduzida por esta de sobremaneira. Esta pesquisa busca trabalhar esse nicho pouco explorado na literatura sociológica usando de uma análise teórica do projeto de uma modernidade positivista a partir da amostra fornecida pelos positivistas gaúchos, radicados no Templo Positivista de Porto Alegre, no tocante ao material de divulgação (de final do século XIX e início do século XX) deste centro de irradiação da doutrina proposta por Auguste Comte (1798-1857). O nosso intuito, portanto, é o de investigar o que esse grupo concebe por modernidade.

Alguns pressupostos do sistema positivo descritos nesse material podem ser esclarecedores quanto a essa maneira de modernizar: a) a humanidade como evidência material à maneira renascentista; b) a noção sistêmica de sociedade como um ente mo-

ral indiviso no qual a humanidade é o centro de irradiação e de chegada de qualquer atividade humana; c) uma noção de esfera pública que seria justamente o veículo de ideias que conseguem auto-centrar o homem (literalmente no sentido antropocêntrico); d) a ação política como sendo catalisadora, e não ostensiva da superação dos dois estágios mentais anteriores; e) o indivíduo positivo como social e individual ao mesmo tempo, ou seja, como uma composição específica. Assim, seria um projeto de modernização afunilador - no sentido de a modernidade estar completa quando a Humanidade se constituir, o que só acontecerá quando os outros estados mentais forem abandonados aos poucos - que catalisa a marcha rumo ao estado positivo através da ação focada na esfera pública (utilizando-se da educação e do direito), e não na tomada do poder político diretamente.

Assim, gostaríamos de apresentar o esquema que estrutura as nossas conclusões. Os positivistas pensam que há uma modernidade em marcha, de uma condição incompleta (na qual os 3 estágios da mente humana coexistem) para uma condição completa (no qual só existiria o pensamento positivo). A diferença de uma para a outra modernidade é a de que nessa modernidade completa há um novo indivíduo e uma nova sociedade, que são um só ao mesmo tempo, como explicaremos mais adiante. A modernidade completa e a incompleta possuem uma esfera pública, e a ação dos positivistas é uma ação catalisadora dentro da esfera pública da modernidade incompleta, através da ação política traduzida em propaganda e em atuações no Direito, que é uma conquista das luzes sobre a irracionalidade. Acima disso tudo paira a Religião da Humanidade, que seria a modernidade como plena, onde haveria apenas o estado positivo (daí a nossa metáfora do funil) e a solidariedade estaria totalmente consolidada.

Antes de passar propriamente para a concepção de modernidade dos positivistas, talvez seja conveniente iniciar com a nossa concepção de modernidade. Esse procedimento vai permitir que construamos um parâmetro comparativo com as nossas conclusões:

A modernidade pode ser caracterizada como: um agrupamento dinâmico de desenvolvimentos conceituais, práticos e institucionais, associados com a tradição iluminista de pensamento secular, materialista, racionalista e individualista; a separação formal entre o "público" e o "privado"; a emergência de um sistema mundial de nações-estados; uma ordem econômica capitalista expansionista, basea-

da na propriedade; o industrialismo e, por último mas não menos importante, o crescimento de imensos sistemas administrativos e burocráticos de organização social e regulação, tal como a escola (DEACON, PARKER, 1994, p. 97)

Nosso foco vai ser basicamente a parte conceitual desse agrupamento dinâmico de desenvolvimentos. O que vai nos exigir alguns procedimentos teórico-metodológicos. Assim, avancemos para a contextualização sociológica do fenômeno do positivismo e a sua introdução no Brasil, bem como o local que deu origem aos documentos com os quais estamos lidando, assim como os próprios documentos-em-si.

## 2 O TEMPLO POSITIVISTA E A RELIGIÃO DA HUMANIDADE COMO PROJETO MODERNO

Na História da Filosofia, segundo Kolakowski, o Positivismo é um termo que não se resume ao sistema comteano (KOLAKOWSKI, 1988, p. 64).

El término "positivismo" posee una pluralidad de acepciones: además de una doctrina filosófica que no se reconoce ni como doctrina ni filosofía, esta palabra designa también cierto punto de vista dentro de la teoría del derecho, cierta corriente históricamente conocida en literatura, así como una cierta posición en ciertas cuestiones teológicas (KOLAKOWSKI, 1988, p. 11)

O autor, todavia, propõe-se a se focar na filosofia positiva - ou não filosofia, como ressalta o autor (KOLAKOWSKI, 1988, p. 13). Esta filosofia seguiria quatro regras básicas: (1) fenomenalismo (a não existência entre disparidade entre essência e fenômeno, somente interessando ao homem o que aparece à experiência sensível ou científica) (KOLAKOWSKI, 1988, p. 15), (2) nominalismo (acreditar na correspondência total (KOLAKOWSKI, 1988, p. 17) entre as palavras e as coisas (como diria Foucault), entre significante e significado (como diria Saussure), (3) negação de todos os valores cognoscitivos dos juízos de valor e dos enunciados normativos (pois elas não derivariam método da ciência (todas as ciências partiriam da mesma base<sup>2</sup> (KOLAKOWSKI, 1988, p. 21).

---

<sup>2</sup> Podemos comparar um pouco essa vontade com a ambição que Albert Einstein (nascimento-morte) nutriu durante a sua vida como físico, que foi a de unificar os campos da Física. Mas se o alemão frustrou-se em seu intento, aparentemente o francês não sentiu-se da mesma maneira, muito embora suas pretensões não se limitassem apenas à Física.

A partir desses axiomas, o autor ressalta, de maneira bastante surpreendente, manifestações de positivismo em uma série de épocas que parecem surreais aos olhos de quem estuda o sistema positivo. Como quando o autor se refere aos gregos e o princípio do fenomenalismo que estes rudimentarmente formularam e do qual o positivismo se apropriou:

Se puede hacer empezar el pensamiento positivista europeo prácticamente em cualquier momento de la historia, pues es cierto que numerosos temas que consideramos fundamentales em las doctrinas positivistas modernas tienen sus antecedentes em la Antigüedad: tanto em los fragmentos de los estoicos y los escritos conocidos de los escepticos, como em los de los atomistas, nos encontramos com desarrollos que sugieren, casi sin vacilar, los tratados antimetafísicos de los Tiempos Modernos. (KOLAKOWSKI, 1988, p. 24)

O autor identifica positivismo na época medieval (na baixa idade média), no século XVII, no Iluminismo, modernismo, e em autores como David Hume (ao qual considera o pai do Positivismo), Stuart Mill, Peirce, e em autores do Círculo de Viena (entre eles Ludwig Wittgenstein).

A concepção proposta por Comte no ano de 1830 de positivismo pode ser discutida através de alguns tópicos muito divulgados de sua teoria: a ideia de Reforma Social, a ideia de Reforma das Ciências, a Lei dos Três Estados e a ideia de Religião da Humanidade. Uma síntese dessas ideias pode ser feita recorrendo às próprias palavras de Auguste Comte sobre sua lei fundamental:

Estudando, assim, o desenvolvimento total da inteligência humana em suas diversas esferas de atividade, desde seu primeiro vôo mais simples até nossos dias, creio ter descoberto uma grande lei fundamental, a que se sujeita por uma necessidade invariável, e que me parece poder ser solidamente estabelecida, quer na base de provas racionais fornecidas pelo conhecimento de nossa organização, quer na base de verificações históricas resultantes dum exame atento do passado. Essa lei consiste em que cada uma de nossas concepções principais, cada ramo de nossos conhecimentos, passa sucessivamente por três estados históricos diferentes: estado teológico ou fictício, estado metafísico ou abstrato, estado científico ou positivo. Em outros termos, o espírito humano, por sua natureza, emprega sucessivamente, em cada uma de suas investigações, três métodos de filosofar, cujo caráter é essencialmente diferente e mesmo radicalmente oposto: primeiro, o método teológico, em seguida, o método metafísico, finalmente, o método positivo (COMTE, 1978, p. 35)

É baseado nesse ciclo de raciocínio que surge a religião da humanidade. Comte

foi, então, "Levado, assim, a compor um verdadeiro catecismo para a religião da humanidade [...] tive, em primeiro lugar, que examinar sistematicamente a forma dialógica, sempre adotada em tais exposições [...]" (COMTE, 1978, p. 278).

As obras capitais de Comte para a fundação do seu Positivismo são: "Curso de Filosofia Positiva" (1830-1842), "Discurso Preliminar sobre o espírito positivo" (1844) e "Sistema de política positiva ou trata de sociologia instituindo a religião da humanidade" (1851-1854) (RIBEIRO JUNIOR, 2009, p. 8). É importante ressaltar que houve muitas críticas ao positivismo, tanto epistemológicas como sociais, geralmente focados na linearidade pressuposta pelos positivistas. No primeiro ponto de vista, podemos enumerar a descontinuidade na ciência apontada por Gaston Bachelard (1996, p. 9), que para os positivistas é percebida como um acúmulo de saberes. Já no segundo ponto de vista, podemos observar que há uma crítica muito forte ao projeto positivista de progressão de estados mentais: Shmuel Eisenstadt, por exemplo, afirma que não há um desenvolvimento linear das sociedades, e que a sociedade europeia é uma das modernidades possíveis (EISENSTADT, 2001, p. 141).

Dessa maneira, vamos tentar compreender, do ponto de vista histórico, o modo como as ideias positivistas penetraram fisicamente o território e ideologicamente as mentalidades brasileiras, e, depois, de maneira parcial, gaúchas.

Augusto Comte sonhava com a difusão mais ou menos rápida de sua doutrina. Bastariam sete anos para que se expandisse pela Europa e não mais que 33 para cobrir o mundo civilizado [civilização: noção antropológica e filosoficamente bem questionável, mas sigamos adiante]. Chegou mesmo a dizer: "antes de 1860 pregarei o Positivismo em Notre Dame como a única religião verdadeira". [...] O que ele [Comte] não contava é que viesse a ser o Brasil o país em que encontraria o mais favorável dos ambientes para exercer sua influência cultural, filosófica, científica, política e religiosa, a ponto de marcar incisivamente sua presença nas instituições e de haver determinado o surgimento, até aqui, do único templo para suas prédicas, construindo segundo as indicações gerais do Catecismo. (SOARES, 1998, p. 87)

A primeira publicação no Brasil de uma obra de cunho positivista teria se dado dois anos após a publicação do "Cours...", na tese de Justiniano da Silva Gomes em 1844, na área de Biologia ("Plano e Método de um Curso de Fisiologia") (SOARES, 1998, p. 87). A partir desse marco

[...] acentua-se no país uma atmosfera de Positivismo difuso, a princípio entretida por alguns brasileiros, discípulos diretos de Augusto Comte, que vieram exercer aqui suas atividades, ou de pessoas que mantiveram em Paris relações com o filósofo [...] (SOARES, 1998, p. 88)

A influência do positivismo no Brasil teria sido bastante evidente, rendendo o autor destaque para a elaboração das Constituições Federais escritas após essa penetração. No Rio Grande do Sul o Positivismo atingiu seu maior desenvolvimento - o único local no mundo onde se instalou uma ditadura republicana (TRINDADE, 2007, p. 137) - evitando, assim, a república democrática ou socialista (RIBEIRO JUNIOR, 2009, p. 126), abrangendo todos os aspectos do sistema comteano. Pereira sugere uma certa afinidade eletiva (expressão de Weber que aplicamos aqui) entre o pensamento gaúcho e o positivismo ao comparar a Constituição Federativa erigida pelos farroupilhas, encontrando nesta semelhanças com o sistema positivo (SOARES, 1998, p. 127). Tambara afirma que, em meados do século XIX no estado, o positivismo era apenas uma excentricidade de um grupo diminuto de intelectuais. Todavia, subitamente, "setores expressivos da sociedade passam a incorporar as ideias de Comte" (TAMBARA, 1998, p. 171), de modo a se constituir o partido criado por essas ideias, o PRR – Partido Republicano rio-grandense, uma oposição à dicotomia Partido Liberal - Partido Conservador. Neste partido havia a indelével influência de Júlio de Castilhos e de Demétrio Ribeiro. "A forma como se deu a adaptação dos ideais positivistas na estrutura político-administrativa do Rio Grande do Sul apresenta tais singularidades, que se denomina de "castilhismo" para diferenciá-la da forma ideológica pura" (TAMBARA, 1998, p. 172). Assim, no castilhismo era muito forte a noção da moralização do indivíduo através da tutela do Estado (RODRIGUEZ apud TAMBARA, 1998, p. 172).

O fenômeno do positivismo no âmbito político do Rio Grande do Sul é sem dúvida muito interessante. Todavia, cumpre notar que o nosso foco se dará no segmento mediático, que utiliza diferentes estratégias e diferentes concepções. Após algum tempo organizando sua ação propagandista sem a existência de um epicentro (as reuniões eram realizadas domiciliarmente), inicia-se um esforço por parte de Carlos Torres Gonçalves, membro da Igreja (SOARES, 1998, p. 178) para centralizar tal esforço difuso.

A primeira ideia foi contar com um local que, além da realização de comemorações ligadas à doutrina, permitisse reuniões administrativas, depósitos de bens diversos, inclusive publicações, e a formação de uma livraria, incluindo a "Biblio-

teca Positivista", recomendada por Augusto Comte. (SOARES, 1998, p. 178)

A Capela/Templo/Igreja foi fundada através da captação de recursos fiduciários junto aos membros da sociedade positivista, a partir dos esforços de Felizardo Júnior (SOARES, 1998, p. 178). Sua localização ainda é na Rua João Pessoa, no município de Porto Alegre. Ironicamente, os recursos propagandísticos que subsidiaram essa pesquisa foram extraídos de um ambiente externo ao Templo – que é o princípio da propaganda, a propagação para fora do centro de criação do ato comunicativo – o Núcleo de Pesquisa Histórica (NPH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São artefatos que foram projetados para circular para desconhecedores e simpatizantes da Religião da Humanidade.

### **3 DOCUMENTOS QUE FORMAM A NOSSA AMOSTRA**

No NPH estavam dispostas uma série de caixas contendo os documentos doados pela Capela Positivista. Felizmente, tivemos acesso a elas em sua integralidade. O volume de caixas não era tão grande a ponto de inviabilizar uma pesquisa exploratória, de modo que abrimos a todas e realizamos uma leitura flutuante. A organização temática prévia não obedecia aos critérios de nossa pesquisa, de modo que tivemos de promover uma reorganização. O volume e a variedade de materiais apontam para uma grande capacidade de difusão física dos artefatos na época de sua produção, indicando uma produção contínua e em larga escala. Um indicativo de que a propaganda foi efetiva seria uma investigação dos livros de registro do templo, que poderiam apontar para taxas de "conversão". O que não foi, evidentemente, o foco de nossa análise.

Esses documentos possuem valor de pesquisa porque expressam um desejo de mediar um saber positivo. Ele são construídos a partir do jogo de uma auto-imagem uma uma imagem dos outros estados mentais, que compõem os interatuantes elementos comunicativos de cada um desses artefatos. Assim, é possível conhecer-se esse grupo a partir de seu contraste com outro coletivo.

Disponibilizamos a nossa amostra dos escritos positivistas gaúchos na seguinte listagem de documentos:



/A/	"Manifestos Humanistas I e II" (Caixa 1, Envelope 2)
/B/	"Marcha do ateísmo" (Caixa 1, Envelope 2)
/C/	"Humanidade: a deusa do futuro" (Caixa 1, Envelope 3)
/D/	"A ciência e a tecnologia: Desumanização ou redenção do homem?" (Caixa 1, Envelope 3)
/E/	"O milagre e a conciliação (?) entre a ciência e a religião" (Caixa 1, Envelope 3)
/F/	"Positivismo ou Religião da Humanidade" (Caixa 1, Envelope 3)
/G/	Encarte 7/1926 (Caixa 4, envelope 1)
/H/	"A aliança religiosa e a regeneração humana" (Caixa 4, envelope 1)
/I/	"A harmonia mental" (Caixa 4, envelope 1)
/J/	"Ensino do Catecismo Positivista" (Caixa 4, envelope 1)
/K/	"S. Francisco de Assis" (Caixa 4, envelope 1)
/L/	"A liberdade espiritual e o ensino religioso nos estabelecimentos públicos de educação" (Caixa 4, envelope 2)
/M/	"A propósito da questão do Cristo no Juri" <sup>1</sup> (Caixa 5, envelope 1)
/N/	"Representação à liberdade de associação religiosa" (Caixa 5, envelope 1)
/O/	"Artigos episódicos de 1891" (Caixa 5, envelope 2)
/P/	"A secularização dos cemitérios" (Caixa 5, envelope 2)
/Q/	"Imposto predial e o templo" (Pasta 5, envelope 1)
/R/	"O espiritismo e o Código Penal; a feitiçaria e o código penal; férias forenses" (caixa 1, envelope 1)
/S/	Mais uma vez a verdade histórica (Caixa 4, envelope 1)

Neste documento não foi encontrado nenhum dado novo de acordo com o enfoque dessa pesquisa. Todavia, registramos a importância jurídica deste documento para futuras pesquisas.

Como o assunto sobre a modernidade é uma das temáticas presentes no material, precisamos construir uma amostra no interior desta amostra, esta última onde decorrerá nossa análise. Mas, por conta da possibilidade de ensejar pesquisas futuras,

disponibilizamos a listagem completa dos documentos, destarte não serem todos eles os que aparecerão em nossa análise documental.

#### 4 A HUMANIDADE COMO EVIDÊNCIA MATERIAL À MANEIRA RENASCENTISTA

A concepção de indivíduo dos positivistas não é nem um pouco atomista e, portanto, individualista, como era o indivíduo do Iluminismo e do Renascimento, apesar de se utilizar de alguns elementos desses sistemas na construção de sua noção. Esse indivíduo é apreciado sobre uma visão holística, ligada ao todo, dependente e ao mesmo tempo formador deste. Os positivista não estão propondo uma falácia da composição<sup>3</sup>, onde o indivíduo deva representar toda a humanidade. O importante aqui é tomar-se o indivíduo como sendo a própria humanidade ao mesmo tempo que a humanidade é o indivíduo.

E não obstante, os homens em sua totalidade, sem mesmo exceptuar os legisladores, são necessariamente fetichistas nos primeiros annos da existencia, por isso que no individuo se repete a evolução theorica da humanidade. E ainda depois de adultos, e já muito lidos em coisas de jurisprudência e em outras, o fetichismo, ou feiticismo, se quizerem, anda a denunciar-nos em todos os accidentes da vida. Revelamol-o na ignorancia que nos leva a formular hypotheses para explicar phenomenos, cujas leis desconhecemos, nas acções e gestos, a que a paixão nos obriga, fazendo-nos retrogradar á infancia do individuo, ou á infancia da razão humana, o que no caso é a mesma coisa(/R/: 15);<sup>4</sup>

Portanto, a humanidade é palpável, está contida na história e na solidariedade que se constrói em volta dela. O indivíduo é a humanidade quando, desde a sua infância até a sua idade adulta, desenvolve-se a partir da Lei dos três estados. Ele é a humanidade quando se dá conta de que tudo o que vive foi uma construção que perpassa as pessoas que vieram antes dele; ele é a humanidade quando se esforça para legar um mundo melhor aos que virão. A noção de Humanidade ultrapassa barreiras temporais e físicas, tem a ver com uma doação irrestrita, com uma incorporação total do (qualquer) outro através da fraternidade, com uma entrega total a esse projeto. Algo que o catolicismo, o liberalismo e o comunismo não permitiriam por encobrirem essa pertença através de,

<sup>3</sup> Argumento erroneamente assentado na extensão das qualidades de uma das partes de um todo a esse próprio todo.

<sup>4</sup> Ressaltamos que estamos utilizando a grafia original dos documentos, que estava normatizada por regras mais antigas da língua portuguesa.

respectivamente, a fé em Deus, a competição e o materialismo excessivo.

Pouco importa. Si o positivismo é a religião científica ha de triunfar apesar de todos os obstáculos: maiores erguerão os politeistas decadentes contra o catolicismo e ele venceu porque era oportuno: maiores opões este a Galileu e a siencia triunfou porque era chegado o seu dia [...] É no conhecimento da História e na unica preocupação de trabalhar por um futuro do qual nenhum de nós há de gozar, que está o segredo do nosso fanatismo (/I/: 56)

E qual é o conteúdo desse fanatismo? A humanidade, como veremos agora.

## 5 A HUMANIDADE COMO CENTRO DA AÇÃO HUMANA

A noção positivista de sociedade é sistêmica, dando conta de um ente moral indiviso no qual a humanidade é o centro de irradiação e de chegada de qualquer atividade humana.

Se toda a atividade do indivíduo é moralmente voltada para a sociedade, e toda a atividade da sociedade está moralmente voltada para o indivíduo, não sobra, pois, espaço para mais nenhuma atividade que não seja a ciência na explicação dessa inter-nalidade, considerada biológica, e não sacralizável.

Eis, em poucas palavras, a concepção sintética do nosso organismo, tal qual rezulta da elaboração científica. A complexidade e as relações reciprocas de seus elementos conduzirão à velha fórmula consensus – tudo é solidário, tudo concorre, tudo conspira, - e mostrarão a dificuldade do problema humano. Assim, esse exame basta para evidenciar a irracionalidade de se procurar a saúde do corpo abstraindo da saúde da alma, isto é, o absurdo de separar-se a medicina da moral; e põe a nu, de um modo irrefutável, a inqualificavel monstruosidade que constitui o especialismo medico, cuja pretensão é conhecer e tratar como izolados fenomenos que, por sua natureza, repugnão a qualquer fraccionamento [...] Esta indissociabilidade do nosso organismo, é uma das bases da instituição da função sacerdotal no positivismo, o qual prescreve qe o padre seja médico e vice-versa (/I/: 21)

A unidade do sujeito como organismo está vinculada diretamente à sua unidade moral, enquanto humanidade. Não há diferença: novamente tudo se torna um só. Pois a ciência, a moral e o biológico vieram todas do mesmo lugar e são todas a mesma coisa. Por essa razão, há “uma conexão entre o problema mental e o religioso” (/I/: 20).

## 6 NOÇÃO DE ESFERA PÚBLICA

A Esfera Pública, na concepção positivista, seria justamente a de veículo de ideias que conseguem auto-centrar o homem para os seus fins enquanto humanidade.

Os positivistas pressupunham uma esfera pública, e atuavam nesta esfera pública distribuindo o material. Os positivistas também atuavam a partir do direito, buscando também atividade muito forte no modo como eram concebidas e aplicadas às leis. De modo que é possível encontrar uma série de publicações que visam comentar leis do ponto de vista positivista, acerca dos mais variados assuntos (como as leis trabalhistas, como as leis de trabalho doméstico, como as leis sobre a reforma ortográfica). E, em uma destas publicações, que é a do item [R], o assunto é o comentário da lei 157, redigida pelo Dr. [sic] Viveiros de Castro acerca da criminalização de cultos animistas (considerado pelo magistrado como estelionato) e a não mesma consideração jurídica para com o espiritismo.

A providencia do legislador penal esqueceu, porém, que todas as doutrinas chimericas, por isso mesmo que são absolutas, enquanto despertam sentimentos de amor pelas entidades que consagram, despertam-n'os também de antipatia e inextinguível odio entre si, a ponto de abrirem atravez de extenso campo da historia humana um profundo mar de sangue (/R/: 7)

## 7 A AÇÃO POLÍTICA COMO UM CATALISADOR

A ideia da ação política na esfera pública não totalmente modernizada é a de que ela é uma catalisadora dos estados mentais, e não como maneira ostensiva e suplantativa da superação dos dois estágios mentais anteriores. Ou seja, um processo teleológico que aconteceria de fato é acelerado pela ação positivista.

O pensamento positivista, de certa maneira, não busca legitimar uma dominação elitista, que nem mesmo existiria efetivamente. Os positivistas não consideravam que ser positivista era causa suficiente para torná-los dominantes de imediato, visto que há outros dominantes que não se utilizam desse sistema representacional. E mesmo a sociedade positivista possuindo muito representantes no poder político, não congregava a totalidade dos membros da classe dominante, apenas uma parte dela. Também não nos

pareceu haver um estranhamento por parte dos positivistas para com outras alteridades, como os estados positivos e teológicos. Nos parece ter havido a naturalização desses estados mentais como viáveis, posto que transitórios, decorrendo dessa condição a sua possibilidade de existência.

Visto que o exposto é mais complexo do que uma mera sobreposição de estados mentais, buscamos elaborar um conceito que pudesse dar conta dessa singularidade. Por esta razão, o que propomos aqui, para compreender a lógica de seu pensamento é um conceito de "irradiação catalisada irreversível" para tentar dar conta deste objeto.

Para os positivistas, o "estado positivo" espalhar-se-ia pela humanidade em evolução de maneira inercial, irradiando-se naturalmente, através do recurso de tentativa-e-erro nos diferentes povos. "A política teria de superar, como já o tinham feito todas as demais ciências, suas formas teológico-metafísicas, para enfim tornar-se positiva" (PETIT, 2007, p. 16). Isso também fica evidente nas próprias palavras de Comte:

A sã política não deveria ter por objeto fazer avançar a espécie humana, que se move por impulso próprio, seguindo uma lei tão necessária quanto a da gravidade, embora mais modificável; ela tem por finalidade facilitar sua marcha, iluminando-a (COMTE apud ARON, 2008, p. 65)

Assim, a ação dos positivistas se resumiria, em seu pensamento, ao ato intelectual puro, o que excluiria o domínio da violência física ou simbólica, e se trataria de, através do pronto convencimento gerado pela simples exposição, irradiar mais rapidamente o estado positivo, superando o enfadonho acúmulo de tentativas-e-erros - que, por si só, conduziria fatalmente ao estado positivo ao custo de muitos anos, mas que poderia ser facilitado pela doutrina positivista já acabada (ARON, 2008, p. 65). Afinal, o século do positivismo herdou "um mundo em efervescência" (PETIT, 2007, p. 14), ansiando-se por reconstruções e reorganizações sociais que dessem conta de construir uma solidariedade.

O "estado revolucionário" de acordo com a lógica positivista seguia um movimento linear e contínuo cujo sentido traçado pela humanidade era "resultante de sua sociabilidade absolutamente involuntária e das atitudes, não menos involuntárias, que lhe permitem acumular as aquisições intelectuais" (Itré, Magnin, Laffite, 1848, 8p.). Dessa compreensão do desenvolvimento humano, "obediente a uma lei que regra um fenômeno natural", a filosofia positivista concebia os sessenta anos percorridos pela França, marcados pelos acontecimentos de 1789, 1830 e 1848,

como a grande fase da modernidade. (RIBEIRO JUNIOR, 2009, p. 126).

Assim, não se pode esperar dos positivistas uma noção “colonizadora” de processo civilizador, mas sim uma noção mais passiva e confiante na sucessão deste.

## 8 A LITERAL COMPOSIÇÃO DO INDIVÍDUO POSITIVO

O indivíduo positivo é social e individual ao mesmo tempo, ou seja, é uma composição<sup>5</sup> específica.

A religião da humanidade seria a única instância capaz de ligar o homem duplamente com seu interior e com o seu exterior. Ou seja, uma maneira de ligar a dimensão psicológica à dimensão sociológica, criando-se, assim, o laço de solidariedade, por via da identificação, criando-se assim o altruísmo. A mesma publicação procura descrever melhor esse laço:

A unidade supõe, antes de tudo, um sentimento preponderante, pois nossas ações e pensamentos são sempre dirigidos por nossos afetos. A harmonia humana decorre do provalhecimento do altruísmo. [...] Porém a condição interior não basta se a inteligência não nos fizer reconhecer, fora de nós, um ser superior ao qual estamos ligados e a quem devemos venerar. Nas outras formas religiosas, a unidade exterior tem sido obtida em torno de fetiches, deuses e deus. Não podendo semelhante harmonia Individual ou coletiva, realizar-se plenamente, numa existência tão complexa como a nossa, a religião caracteriza-se o tipo imutável para o qual tende cada vez mais o conjunto dos esforços humanos (/F/: 1)

Essa definição é recorrente em outros escritos:

A sociedade moderna separa-se hoje em dois campos opostos. De um lado, estão aqueles que lealmente acreditam que não pode haver sociedade e, por conseguinte, moralidade, sem uma religião qualquer. De outro lado acham-se aqueles em numero infinitamente menor, que consideram a religião como inútil, e mesmo prejudicial. Além disso, até Augusto Comte, pensou-se que *religião* era synonymo de *theologismo*. De sorte que, para apreciar convenientemente a situação actual dos espiritos urge desvanecer tal confusão. Porque a religião é o systema que assegura a unidade pessoal e social. Ao passo que o theologismo caracteriza o estado mental em que se acredita na existência objectiva de seres sobrenaturaes dominando e governando tudo (/L/: 3)

---

<sup>5</sup> Mary Stratern faz uma discussão parecida acerca do indivíduo melanésio (Conf. STRATERN, 1992).

É nisso que reside a superioridade da religião positiva – a da modernidade completa - sobre a religião teológica: a capacidade de gerar essa solidariedade a partir da identificação do sujeito com o coletivo e consigo a partir de sua religião, pois o fator de coerção na religião teológica não se realiza a partir desse coletivo, mas sim a ligação direta e unidirecional entre o sujeito e o fetiche, deuses ou deus, não se ligando esse indivíduo nem a si mesmo nem a outrem. E é nesse nicho que a religião positiva consegue fazer pleno ao homem.

## 9 CONCLUSÃO

Buscamos neste artigo elucidar a concepção dos positivistas sobre como a modernidade deveria - e na sua concepção fatalmente iria - se processar, de uma condição incompleta para uma condição completa. Mas para compreender este projeto teleológico foi preciso visitar alguns tópicos da teoria positivista. Nossa amostra foi a propaganda de divulgação do templo positivista de Porto Alegre, na virada dos séculos XIX para o XX. O que se nos apresentou foi um funil, donde os estados mais atrasados vão sendo deixados para trás paulatinamente rumo à uma sociedade completamente positiva.

Gostaríamos de encerrar esse artigo com algumas reflexões oportunizadas justamente por conta da investigação aqui engendrada.

A primeira delas é a de que o nosso levantamento bibliográfico indica uma continuidade bem *específica* entre os documentos levantados e os escritos de Comte. Talvez por conta dos membros da Capela terem cursado, em sua maioria, o ensino superior, estes tenham interiorizado a metanarrativa científica da época. Mas seria um erro afirmar que não houve uma resignificação: os positivistas gaúchos precisavam se bater contra uma sociedade não-industrializada (ARON, 2010, p. 66) mais autoritária e ao mesmo tempo mais plural do que a européia, que também não presenciou tentativas de expulsão de instituições confessionais do espaço público (CASANOVA, 2010, p. 4). Assim, os positivistas gaúchos aparentaram ser mais didáticos e também mais resilientes para com os membros dos outros estágios mentais, dado que os conteúdos dessa metanarrativa científica já estariam naturalmente menos presentes na vida cotidiana do brasi-

leiro. Isso explica a longa atividade panfletária desenvolvida: ela persistiu por décadas e de maneira muito intensa, surpreendentemente uniforme, a ponto de ficar difícil de distinguir a temporalidade de documentos de diferentes épocas. Por outro lado, a quantidade de materiais também pode ter significado uma dificuldade comunicativa: talvez a erudição dos positivistas acerca da cultura europeia tenha resultado em uma incapacidade comunicativa para com aqueles que não compartilhavam desse saber específico.

Em seguida, poderíamos refletir sobre vantagens e riscos sociais e políticos da implementação desse projeto. Talvez a vantagem do projeto positivista esteja justamente em uma parcela da mensagem passada. Apesar de ser totalitária, a mensagem de Comte pode ser interessante de ser ao menos ouvida nos dias atuais. Em tempos onde o individualismo efetivamente, em nossa opinião, desumaniza as pessoas ao atomizá-las, alguém que devote sua vida a outrem parece ser uma utopia aos nossos ouvidos pós-modernos. Um altruísmo impossível em um contexto de hiper-individualismo, utilizando a expressão de Gilles Lipowetski. Ademais, um coletivismo de uma origem filosófica diferente sempre enriquece as possibilidades do debate público. A desvantagem mais localizada deste projeto pensado por esses intelectuais está possivelmente no interdito à participação na esfera pública para certos "estados mentais", até que esses se encontrem positivos. Mesmo não sendo uma postura de destruir fisicamente esses estados encarnados em sujeitos, ainda há um silenciamento que tem ares de tutelamento, o que redundaria em desumanizar a variedade cultural brasileira. O que não é surpreendente dado que Comte tem muita dificuldade com a diversidade (ARON, 2008, p. 66). E isso resultaria no engessamento da deliberação pública: ela ficaria presa sempre nas mesmas questões e nas mesmas soluções.

Por último, podemos refletir sobre quais seriam a dimensão e o impacto social do Templo Positivista na cidade de Porto Alegre. Apesar de não ser possível determinar esse impacto sem um estudo voltado especificamente para sua investigação, podemos refletir a partir de algumas linhas sobre o processo de patrimonialização do Templo Positivista. O estabelecimento foi muito frequentado até o final da década de 30 do século XX por políticos gaúchos. Mas sofreu um grande processo de esvaziamento com a mobilidade territorial de alguns membros, assim como com a II Guerra Mundial. Depois desses acontecimentos, os cultos periódicos esvaziaram. Atualmente, a Capela Positi-



vista foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado (IPHAE), processo solicitado pela Associação de Amigos da Capela Positivista. Ou seja, mesmo que o templo não seja uma instituição “viva”, mantida pela frequência de correligionários, o templo tem um reconhecimento por parte da comunidade porto alegreense ao menos como herança cultural a ser preservada, uma das definições possíveis de patrimônio (ABREU, 2010, p. 195). Logo, o impacto está mais voltado para a memória do que propriamente pela representatividade de grupos sociais atuais.

A despeito da condição de bode expiatório que o positivismo possa sofrer nas ciências sociais, este possui uma teoria complexa em seu interior, que não intentamos esgotar neste breve artigo. Mas gostaríamos de deixar apontadas algumas questões que possam dar origem a reflexões teóricas mais avançadas com relação as aqui expostas, nas áreas da teoria sociológica e da teoria antropológica, com possíveis desdobramentos para a teoria política.

## 10 REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. “Museus, ruínas e paisagens: patrimonialização e disputas de sentidos”. In: GUIMARAENS, Ceça (Org.). **Museografia e Arquitetura de Museus**. Rio de Janeiro: UFRJ, FAU, PROARQ, 2010.

ARON, Raymond. **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BACHELARD, Gaston. **O novo espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

CASANOVA, José. Ansiedades da democracia. **Revista de Estudos da Religião**, v.1, dez 2010, pp. 1-16.

COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva; Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo positivista**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

DEACON, Roger; PARKER, Ben. “Educação como sujeição e como recusa”. In: SILVA, Tomás Tadeu. **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.

KOLAKOWSKI, Leszek. **La filosofia positivista: ciencia y filosofia**. Madrid: Catedra, 1988.

RIBEIRO JUNIOR, João. **O que é positivismo**. Sao Paulo: Brasiliense, 2009.

SOARES, Mozart Pereira. **O positivismo no Brasil: 200 anos de Augusto Comte**. Porto Alegre: Age, Ed. da UFRGS: 1998.

STRATHERN, Marilyn. "Parts and wholes". In: KUPER, Adam. **Conceptualizing society**. Londres: European Association of Social Anthropologists: 1992.

TRINDADE, Hélió. "O jacobinismo castilhisto e a ditadura positivista no Rio Grande do Sul". In: TRINDADE, Hélió (org). **O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, Unesco, 2007.

TAMBARA, Elomar. "Positivismo e Educação no Rio Grande do Sul". In: GRAEBIN, Cleusa Maria. **Revisitando o positivismo**. Canoas: La Salle, 1998.

PETIT, Annie. "História de um sistema: o positivismo comtiano". In: TRINDADE, Hélió (org). **O positivismo: teoria e prática: sesquicentenário da morte de Augusto Comte**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, Unesco, 2007.



REVICE - Revista de Ciências do Estado  
ISSN: 2525-8036  
v2.n.1 JAN-JUL.2017  
Periodicidade: Semestral

seer.ufmg.br/index.php/revice  
revistadece@gmail.com

LOPES, Ricardo Cortez. Um funil moderno? O projeto social dos positivistas gaúchos.

Data de Submissão: 29/03/2016 | Data de aprovação: 23/11/2016

A REVICE é uma revista eletrônica da graduação em Ciências do Estado da Universidade Federal de Minas Gerais.

Como citar este artigo:

LOPES, Ricardo Cortez. Um funil moderno? O projeto social dos positivistas gaúchos. In: **Revice** - Revista de Ciências do Estado, Belo Horizonte, v.2, n.1, p. 414-431, jan./jul. 2017.